

DE RASURA EM RASURA SE TECE O FIO DO TEXTO: Uma reflexão sobre duas versões de escrita de um aluno do 4º ano do ensino fundamental¹

Simone de Souza SILVA²

Maria Auxiliadora da Silva CAVALCANTE³

Resumo

Pontuar descobertas acerca da gênese do texto é tratar com particularidade o ato solitário e, ao mesmo tempo, dialogado que o escritor estabelece durante a criação da sua obra. Neste sentido, o artigo objetiva analisar a presença (ou não) de rasuras de dois manuscritos de um aluno do 4º ano do ensino fundamental, de uma escola particular da cidade de Maceió- Al. Esse estudo será fundamentado por Grésillion (2007) e Calil (2008), Willemar (1999), Fabre (1986) tendo como percurso metodológico, a análise das rasuras numa perspectiva longitudinal a partir da produção textual de diferentes fábulas escritas pelo sujeito do estudo. A escola tem feito da rasura objeto de ensino? A rasura tem espaço nas aulas de língua portuguesa? Como resultado do estudo foi identificado que a criança não conhecia a rasura, enquanto elemento possível, durante a produção textual.

Palavras-Chave: Rasura escolar; Produção textual; Procedimento.

Qual a relação da rasura e o aperfeiçoamento do texto?

Os estudos sobre rasuras escolares vêm se revelando como um importante campo a ser considerado nas pesquisas educacionais voltadas para a área da educação e linguagem, sobretudo quando nos detemos sobre tal procedimento de escrita na produção textual dos estudantes. Nesse sentido tem a escola dedicado tempo a ensinar tal procedimento?

Diante do referido questionamento buscamos como possíveis respostas, tendo como elemento de análise deste artigo a rasura contida na produção textual

¹ Trabalho apresentado em forma de “Comunicação Oral” no IV Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários I Encontro de Formação de Professores em Letras do Cariri Paraibano, realizado de 13 a 16 de outubro de 2015 na UEPB- Monteiro.

² Graduação em Letras, Mestranda em Educação/UFAL, formadora de professores da Secretaria Municipal de Educação de Maceió – SEMED. E-mail: simone.souza.silva@hotmail.com.

³ Graduação em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (1996), Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2001) e Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto-PT (2011). É professora associada III da Universidade Federal de Alagoas (2002). E-mail: maria_auxiliadora8@hotmail.com.

de fábulas de um estudante de oito anos do 4º do ensino fundamental, anos iniciais, de uma escola particular da cidade de Maceió-Alagoas, tendo como aporte teórico Grésillion (2007, p. 98) quando afirma que “É exatamente naquilo que se anula que nos permite enxergar o que poderia ter se tornado texto. A rasura nos permite [...] confirmar a dimensão temporal própria a todo processo de escritura” e Calil (2008, p. 19) quando afirma que manuscritos de trabalho de um escritos são compostos de “anotações, planos, rascunhos, roteiros, esboços, pequenos lembretes, diários íntimos, apontamentos documentais, fotos, cartas, provas tipográficas, etc., o conjunto de *documentos genéticos*... e uma obra literária.”

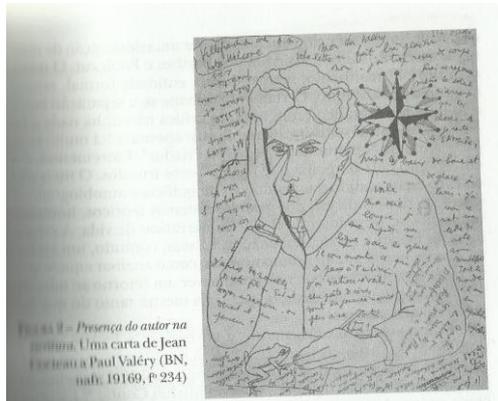


Ilustração de um manuscrito literário

A rasura como elemento procedimental no texto na escrita de escritores proficientes

Inicialmente, abordaremos o que é manuscrito e manuscrito escolar. Sobre isso, Gresillion traz várias considerações importantes acerca dos manuscritos, visto que, em seu texto “Elementos da Crítica Genética”, a autora apresenta o primeiro objeto que desencadeou os estudos genéticos sobre manuscritos literários, e ainda apresenta a possibilidade da pesquisa em várias áreas tais como: em música, cinema, belas-artes e ciências exatas, apontando o vasto caminho para a pesquisa.

A crítica genética ocupa-se acerca da gênese do texto, tratando-o com particularidade o ato solitário, porém repleto de diálogo que o escritor estabelece durante a criação da obra até sua versão final. A crítica genética, discutida por Grésillon, busca uma análise mais profunda acerca dos aspectos da produção, objeto complexo que exige do pesquisador clareza acerca do campo teórico que

fundamenta esta temática. Para pensar na materialidade deste objeto, é preciso lembrar que o mesmo assume características proteiforme, isto é, muda de forma com frequência. Os acréscimos vistos num manuscrito revelam particularidades daquele que o escreveu, um estado de pulsões e de afetos. (2007)

Vale salientar que o objeto de estudos genéticos é o manuscrito de trabalho que revela traçados do ato, do próprio processo de criação de um autor. Porém, esse manuscrito nos possibilita enxergar avanços e bloqueios próprios daquele que se propõe escrever, revelando o doloroso caminho da produção de um texto, além de todos os gastos e perdas que esse processo possui. Podemos relacionar, ainda ao processo de criação, o tempo dedicado pelo autor a sua obra. A título de exemplo, citaremos Victor Hugo que levou dezessete anos para escrever “Os Miseráveis”, deixando assim expresso que escrever leva tempo, e que um escritor competente não produz de primeira. Escrever, não é um dom como muitos pensam. Escrever exige planejamento, empenho, escolhas e, sobretudo, disciplina. O manuscrito é, antes de tudo um objeto da cultura.

Segundo argumentações fundadas por Grésillion (2007, p.11)

[...] perseguir o devir de uma obra, estudando traços escritos de sua gênese, significa, *mutatis mutandis*, recriar o mundo, fazer *como* Deus Pai ou *como* o biólogo que explora as leis do ser vivo. É possível considerar a complexidade da pesquisa referente à gênese textual, visto que requer daquele que pesquisa um olhar atento aos detalhes e extremamente minucioso.

Fazer análise de manuscritos é trazer à tona as garatuñas, os rabiscos e até mesmo desordens que sem a pesquisa, os segredos dos autores provavelmente não seriam conhecidos. O manuscrito, seria segundo Grésillion (2007, p.15), “congelamentos de imagem em uma vida de escritura, em que se sucedem êxitos e fracassos, centelhas e desesperos, triunfos e errâncias de um sujeito frente a aventura da invenção”.

A pesquisadora pontua em seu texto o que poderíamos chamar de “filosofia espontânea”, surgida nos anos 70, vindo ocupar um lugar novo na pesquisa literária francesa. Passa a existir um espaço para olhar de forma nova a literatura, tendo no manuscrito literário seu objeto de análise. Qual seria seu método e intenção? Para Grésillion (2007 p19): “Seu método: o desnudamento do corpo e do processo da

escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um *fazer*, como atividade, como movimento”.

Ao trabalhar com a gênese do texto, considerando a ótica acima descrita, percebe-se que os saberes sobre o texto são abalados, uma vez que sua análise se dá sobre o manuscrito que não tinha nenhum destinatário. Daí, um escrito que expõe fragilidades e dores durante o processo de tessitura do texto.

A crítica genética possui um campo rico, no que se refere às questões teóricas, devido a complexidade do material analisado. Sendo o manuscrito de trabalho seu objeto de estudos genéticos, a autora afirma ser o manuscrito:

[...] porta os traços de um *ato*, de uma enunciação em marcha, de uma criação que está sendo feita, com seus avanços e seus bloqueios, seus acréscimos e seus riscos, seus impulsos frenéticos e suas retomadas, seus recomeços e suas hesitações, seus excessos e suas faltas, seus gastos e suas perdas (GRÉSILLION, 2007, p.52)

39

Para Grésillion, voltar ao tempo da escritura é retomar um tempo histórico, dentro do qual a escrita literária fora produzida. A crítica genética tem como objeto de pesquisa, os manuscritos modernos pertencentes aos séculos XIX e XX. Segundo Grésillion (2007, p.55): “O manuscrito, antes de se tornar objeto de conhecimento, é primeiramente um objeto cultural.” Enquanto objeto cultural, o mesmo é classificado em três categorias que são: objeto material, objeto cultural e objeto de conhecimento.

A “rasura possui formas e funções diversas, sendo esta em algumas situações perdas e em outros casos ganhos [...] Ela anula o que foi escrito, ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios escritos”. (Grésillion, p. 97 2007). É exatamente naquilo que se anula que nos é permitido enxergar o que poderia ter se tornado texto. A rasura nos permite [...] confirmar a dimensão temporal própria a todo processo de escritura [...] (GRÉSILLION, p.98, 2007).

O manuscrito possibilita recuperar a arte de escrita de autores consagrados, tornando-se objeto cultural para a humanidade enquanto patrimônio nacional. Para o geneticista o manuscrito contribui para recuperação da criação do autor para a obra, dando oportunidade através das pistas deixadas pelo autor nos manuscritos, como

também contribui para a formulação de hipóteses. Mas, o que tornou o manuscrito objeto cultural foi o fato dos autores os preservarem, guardando-os ou quando eles davam seus escritos para pessoas amigas, possibilitando assim, a recuperação de parte do percurso realizado por eles no ato de escritura.

Segundo Calil, (2008) “manuscrito” é qualquer texto escrito à mão. Seria a obra de um autor em versão original, podendo ser escrita com caneta-tinteiro, bico-de-pena e nanquim, lápis ou com caneta esferográfica. O manuscrito seria a obra que ainda não foi editada. Em 1970, o manuscrito surge na condição de disciplina sob a tutela da Crítica Genética, assumindo enquanto objeto científico, um destaque por analisar e investigar os caminhos trilhados por escritores consagrados.

O objetivo da crítica genética é buscar compreender o processo de criação, numa tentativa de estabelecimento de contato com aquele que escreveu, um ser dotado de pensamentos, vontades, um sujeito “imerso nas estruturas psíquicas, sociais e econômicas” (Willemar, 1999, p. 161)

Willemar aponta uma relação entre a atividade realizada pelo escritor com outras atividades da esfera humana, buscando nos estudos de Lacan que cita o desejo enquanto elemento incentivador para o homem viver, numa busca pelo gozo, sendo assim aquele que escreve busca reviver esse gozo ou pelo menos uma parcela deste. Sendo assim, “o escritor, empurrado pela pulsão da escritura, abre um espaço à criação e ao surgimento do novo, rasurado, substituindo, acrescentando e manchando o papel branco.” (1999, p. 162).

Trazer o gozo enquanto momento a ser expresso na escrita, enquanto momento de trazer o inconsciente à tona no momento da produção do texto é, sobretudo, retratar o consciente. Vejamos as contribuições a seguir:

Uma das vantagens dos estudos de gênese sobre a crítica limitada ao texto publicado decorre do fato de que o crítico pode discernir o momento exato e privilegiado da escuta, e portanto, do gozo ouvido pelo escritor que se concentra na rasura. O suspenso, a parada da pena, da caneta ou da digitação, provoca um contato do escritor com o mundo do gozo, mundo que não é, entretanto, um mundo irreal e fora da “realidade”. (WILLEMAR, 1999, p. 162)

É a rasura que nos permite enxergar o espaço do gozo, espaço que anula palavras, parágrafos, extinguindo pontos cegos no texto, possibilitando enxergar o mundo numa perspectiva diferente.

A rasura em si nos remete a um silêncio que ocasiona dois movimentos: o primeiro é uma retomada de uma região antes “ignorada” mesmo sendo intensamente vivida, num mundo de pulsões e de afetos. É o lugar da semiótica. O segundo retoma o contexto no qual o escritor está inserido, podendo revelar elementos antes não vistos num primeiro olhar. Essas sutilezas, não necessariamente são percebidas pelo autor, mas deixam-se revelar pelo discurso de seus personagens, pela forma como a narrativa é tecida e pelo estilo do autor. Segundo Willemar, (1999, p. 163) “O crítico “descobre” e “revela” essa visão diferente e, às vezes, consegue relacionar a escritura com um grão de gozo”.

Para captar as sutilezas citadas por Willemar, faz-se necessário escutar os elementos da leitura psicanalítica, que por sua vez determina o caminho para se encontrar o gozo sendo, portanto, tarefa da crítica genética localizar os possíveis caminhos percorridos no manuscrito. A possibilidade de identificar a parcela de gozo quase não acontece fora do campo psicanalítico visto que este, por sua vez, tem como campo de trabalho os lapsos, os sonhos, negações e degenerações buscando a trajetória possível da criação do manuscrito.

É competência de o pesquisador buscar compreender os mecanismos relacionados aos fenômenos, visando elaborar teorias. O crítico exerce o papel de descobridor dos processos de criação, que serão publicados revelando seus achados. O autor faz o seguinte questionamento “Quais são as condições iniciais de uma escritura visíveis no manuscrito, o que elas abrangem e como descrevê-las?” (p.166). Estudar as condições, (crítica das fontes) não é algo novo, tem início na concepção da psicologia dos homens anterior à psicanálise. Consistia em buscar suas fontes na história de vida do autor, no contexto e considerava a escrita o aparecimento das vontades e dos acontecimentos relacionados ao escritor. Consideravam também que todo texto é um intertexto, tem uma origem anterior. Para Willemart (1999, p. 168):

[...] a escritura se desdobra certamente em forma e sentido, mas a leitura se desdobra certamente em forma e sentido, mas a leitura poética que leva em conta aliterações, ritmos e sentido, mas é a leitura poética que leva em conta aliterações, ritmos, sons, palavras, fonemas e letras poderia deparar-se com atratores fractais.

Podemos considerar que as palavras não foram dispostas sem intenção, existe sim, uma intencionalidade, elas fazem coisas conosco e nos remetem a vários sentidos.

É considerado pelos que enfrentam a árdua tarefa de escrever, que a rasura vai muito além de um “rabisco” que suprime um erro, e que visa melhorar o estilo ou suprimir uma informação. Não é negar que existem rasuras, que suprimem erros ortográficos e de sintaxe, porém a rasura possibilita ao escritor o movimento de parar o pensamento e a escritura oferecendo novos caminhos para aquele que escreve. Portanto, “[...] manuscrito me obriga assim a tentar entender o silêncio que segue a rasura” (1999, p. 173).

Estudar os manuscritos é procurar recuperar a gênese de um escrito, os dilemas vividos pelos seus escritores, os riscos, o pulsar das palavras, as faltas e os excessos. É buscar recuperar o complexo processo da escrita de um texto. Além disso, revela o modo particular de como cada escritor se relaciona neste processo de escrita [...] têm nas rasuras um dos elementos reveladores e recorrentes à imensa maioria deles, sendo ela um fenômeno capaz de “testemunhar a dimensão temporal própria a todo processo de escritura.” (Calil, p.19, 2008)

As rasuras podem se manifestar de formas diversas, como é citado por Calil (2008, p. 21) (grifo nosso):

Rasura “riscada”: casos em que se anula o que se escreveu, de modo geralmente visível, permitindo ao leitor recuperar o texto rasurado. Esta forma também poderia aparecer como “rasura apagada”, quando o *scriptor* apaga com uma borracha, mas deixa os vestígios que permitem ler o que havia escrito.

Rasura “borrão”: casos e que se anula o que foi escrito, mas que não permite ler o que foi rasurado, cobrindo todo o escrito ou parte dele com uma mancha de tinta opaca ou ainda apagando completamente os traços do escrito.

Rasura “branca” ou “imaterial”: somente tem acesso a ela pela comparação de versões sucessivas de um manuscrito, pois o *scriptor* a produz enquanto copia a versão anterior.

Para Fabre (1986), a retomada e o acréscimo de rasura são tratados especificamente como adição⁴, ponto que não será analisado neste artigo, não é um

⁴ Segundo Fabre (1986, p.69): Adição, ou acréscimo: pode tratar-se do acréscimo de um elemento gráfico, acento, sinal de pontuação, grafema (...) mas também do acréscimo de uma palavra, de um sintagma, de uma ou de várias frases.

procedimento apenas presente nos textos escolares, mas, ela diz que tais procedimentos “encontram-se também nos rascunhos de escritores “competentes” que parecem escrever mais depressa uma primeira versão para “não perder” suas ideias” (1986). A retomada ao texto se faz necessária, na medida em que um primeiro registro é feito, como afirmou Fabre, para que as ideias não se percam e nesta volta ao texto à rasura aparece enquanto possibilidade para o escritor.

Vejamos a citação a seguir, sobre adição de uma palavra no texto enquanto procedimento de rasura:

A adição de uma palavra, na maioria dos trabalhos disponíveis, nunca é considerada como indício de “saber-escrever”. Os autores, que analisam produções escritas, não consideram que a adição contribui para a “qualidade” e dão, muitas vezes, um caráter monótono aos escritos “não competentes”. (FABRE, 1986, p.69)

Fabre aponta as contribuições, das adições ao texto trazendo qualidade constitutiva para o mesmo. Além de, atribuir à adição um valor semântico a produção, visto que segunda a autora esta se constitui num elemento constitutivo da qualidade do escrito dos jovens escritores.

43

O manuscrito escolar e os procedimentos de rasura

O que são manuscritos escolares? Podemos chamar de manuscrito escolar toda produção textual seja ela produzida à mão, na máquina ou até mesmo no computador, podendo está escrita em folhas soltas, no livro didático do estudante, no caderno sempre dentro da demanda escolar. É a escola o pano de fundo para o processo desta escritura que traz a contextualização para a atividade de escrita. Tanto os objetivos como as práticas relacionadas ao ato de escrever na escola, possuem objetivos pedagógicos diversos. As produções textuais dos estudantes, solicitadas pela escola, poderão ser organizadas e classificadas constituindo um dossiê genético.

Quais são as razões que levam o estudante escrever na escola? Segundo Calil (2008, p. 27):

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

[...] o processo de escritura e o ato de escrever são mobilizados por razões radicalmente diversas. O aluno escrever porque é preciso, porque é condição para ficar na escola. Escreve porque o professor solicita. Escreve porque o livro didático propõe. Escreve porque precisa passar de ano. Escreve porque tem que tirar boa note. Escreve porque o pai obriga. Escreve porque se vai comemorar o dia das mães. Escreve porque está estudando. Escreve porque está na escola.

As motivações para o estudante escrever são várias, como as citadas acima, porém o texto do aluno sempre está sujeito a um leitor-avaliador externo, que não necessariamente está preocupado com o valor estético dessas produções, nem o enxerga como uma fonte de valor inestimável, culturalmente falando. Geralmente, o solicitante da produção encaminha seu olhar para corrigir, avaliar e provar (ou não) se o estudante sabe escrever ou não. Para Calil, (2008, p.28) “Raras são as práticas didáticas em que os manuscritos escolares são conservados como documentos de trabalho dos alunos. Quase nunca o processo escritural dos alunos é documentado através da preservação de seus manuscritos”.

É preciso considerar que a escola ainda está longe de agregar as suas práticas de ensino, produções significativas para os estudantes. Segundo CALIL, (2008, p. 27) existem razões para a escrita na escola:

[...] o processo de escritura e o ato de escrever são mobilizados por razões radicalmente diversas. O aluno escrever porque é preciso, porque é condição para ficar na escola. Escreve porque o professor solicita. Escreve porque o livro didático propõe. Escreve porque precisa passar de ano. Escreve porque tem que tirar boa note. Escreve porque o pai obriga. Escreve porque se vai comemorar o dia das mães. Escreve porque está estudando. Escreve porque está na escola.

Cabe à escola, além de, propor escrituras organizar as produções dos estudantes possibilitando recuperar o processo de criação de um texto. Além de, desmistificar que se escreve de primeira. Para CALIL (2008), a rasura é um procedimento próprio daquele que se propõe escrever, seja um escritor proficiente ou um estudante, nele o escritor revela rabiscos, apagamentos, deslocamentos, adição ou substituições, marcas singulares do ato de escrever.

Rasura escolar como procedimento de ensino na escola

Para que a coleta dos textos sucedesse de forma coerente, foram cumpridas algumas etapas com vista à composição do *corpus* deste artigo. As etapas realizadas foram: a criança deveria realizar uma reescrita após ouvirem a leitura expressiva realizada pelas entrevistadoras; na sequência, a criança ouviria uma segunda leitura porém deveria, neste momento falar sobre suas compreensões acerca do texto lido. E em seguida a fábula deveria ser reescrita, fazendo uso de caneta esferográfica, em folha previamente formatada.

A primeira coleta ocorreu no dia 18 de março de 2015 e a fábula lida foi “O leão, o burro e a raposa”. A segunda coleta deu-se no dia 01 de abril de 2015 nesta ocasião a fábula lida foi “O burro felicitando o cavalo” ambas, de Esopo.

Na primeira reescrita percebemos a ausência de título e de rasuras. Ao perguntar se era necessário um título A.C.S disse que não, estava bem assim. Antes de iniciarmos a reescrita no papel pedimos que ele me recontasse a fábula, o que foi feito com propriedade. Ele ainda perguntou, antes de reescrever, se poderia olhar o texto no livro. Então relembremos nosso combinado segundo o qual ele reescreveria de memória. Neste momento, pontuamos para ele que durante a escrita de um texto é possível fazer uso da rasura. Fizemos isto exemplificando e indicando que caso a palavra escrita deva ser refeita, ele deveria passar um traço e reescrevê-la.

Diante do exposto, a escola ainda está longe de agregar as suas práticas de ensino, o rascunho como um meio para se produzir uma versão aceitável, que bem sabemos ser provisória, pois um escritor competente sente a necessidade de retomar os textos, de reescrevê-los, de não se dá por satisfeito com uma primeira versão. Por outro lado, nos deparamos com situações propostas pela escola onde o estudante escreve sem um interlocutor, fora de uma situação real de produção (mesmo que seja hipotética), sem uma didática adequada que o leve a produzir e a guardar várias versões de sua produção textual. Deparamos-nos com práticas de escrita que desconsideram saberes e exigem um tempo para ficarem prontas.

Portanto, faz-se necessário que o (a) professor (a) dedique tempo para ensinar os procedimentos de rasura até aqui expostos e incorporados pelo

estudante enquanto prática quando ensinado. Levando-o a perceber que não se escreve de primeira e que o ato da escritura é uma tarefa que exige empenho.

A rasura numa versão de reescrita de uma fábula

Foram coletadas três produções textuais porém, a análise se dará em relação às duas primeiras coletas. Visando contextualizar o momento da coleta, iremos expor um pouco da trajetória de A.C. S de oito anos de idade, uma criança letrada, estudante de escola particular que vive em um ambiente propício às experiências de letramento, ao ser convidado a participar da coleta se mostrou aberto a contribuir.

Durante a coleta alguns fatos foram interessantes para nós, enquanto pesquisadoras, entre eles o desconhecimento da criança em relação ao procedimento de rasura, mesmo tendo conhecimento de que o mesmo faz frequentemente produções textuais na escola. Mas, o outro fato interessante foi que: o estudante questionou se ele precisaria escrever muitas linhas, perguntado o porquê do questionamento, ele socializou que na escola a professora dava uma folha com um desenho e algumas linhas abaixo e que ele poderia escrever quantas linhas quisesse.

As motivações para o estudante escrever são várias, porém o texto do aluno sempre está sujeito a um leitor-avaliador externo, que não necessariamente está preocupado com o valor estético dessas produções nem o enxerga como uma fonte de valor inestimável culturalmente falando. Geralmente o solicitante da produção encaminha seu olhar para corrigir, avaliar e provar (ou não) que o estudante saber escrever.

É a rasura que atribui ao manuscrito um status de “rascunho”. É ela que revela o momento mais íntimo de um escritor, faz sobressaltar aos olhos as contravenções realizadas. Geralmente o rascunho é visto na escola como um procedimento não muito agradável, uma vez que a escola frequentemente solicita dos estudantes que os mesmos passem a limpo suas produções causando uma higienização dos textos, pois consideram negativos os textos com rasuras, apagamentos, etc, atribuindo ao rascunho valor secundário.

Diante do exposto, iremos analisar as marcas de rasura ou sua ausência nos textos coletados. Abaixo segue a primeira produção textual⁵ realizada com A.C.S.

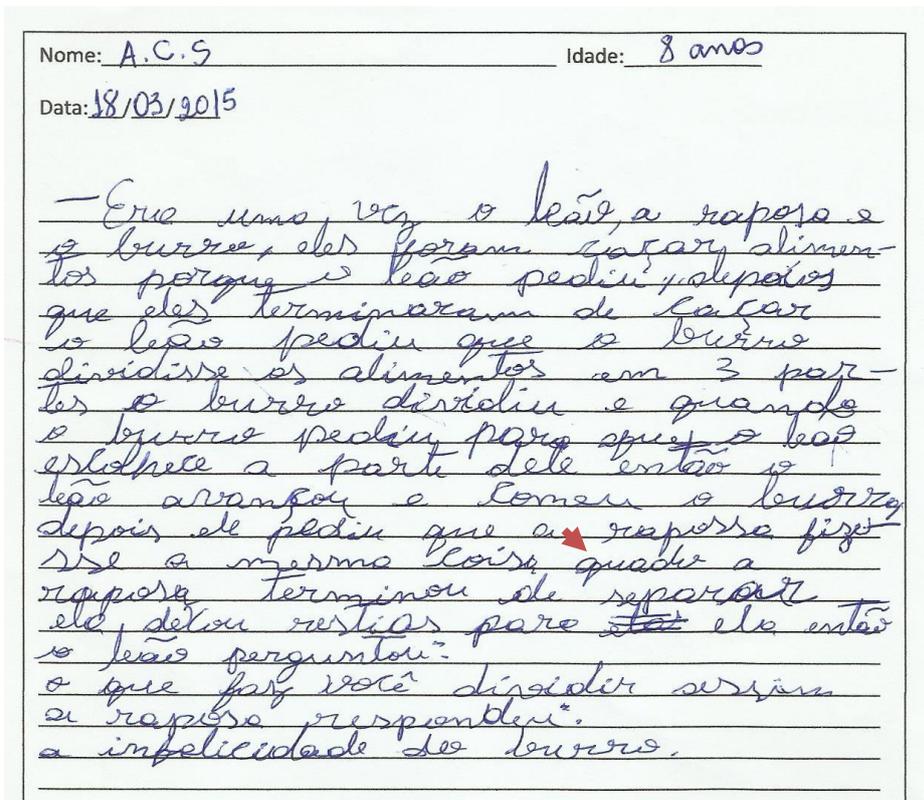


Fig. 1 – Primeira reescrita do estudante

No primeiro texto coletado é possível observar as poucas rasuras realizadas por A.C.S, mesmo tendo este, antes da produção, ter sido informado que caso necessitasse retomar, refazer alguma palavra, poderia fazê-lo. Esta palavra que seria substituída deveria ser riscada e refeita a seguir. Observa-se, entretanto, que no texto acima existe uma única rasura, na décima quarta linha. .

⁵ Primeira fábula reescrita "O leão, o burro e a raposa", de Esopo. Página nº 121

Um leão, um burro e uma raposa, tendo estabelecido uma sociedade entre si, saíram para caçar. Depois de terem apanhado muita caça, o leão ordenou ao burro que a dividisse entre eles. O burro fez três partes iguais e disse ao leão que escolhesse a sua, e este, indignado, caiu sobre o burro e o devorou. Em seguida, ordenou à raposa que fizesse a divisão. A raposa colocou tudo em um só monte, reservando para si mesma apenas alguns restos, e pediu que o leão escolhesse. Como perguntasse o leão quem a ensinara a dividir assim, a raposa respondeu: "A infelicidade do burro".

A fábula mostra que as desgraças do próximo sevem de lição aos homens.

Segunda fábula reescrita "O burro felicitando o cavalo", de Esopo, p. 149.

Um burro felicitava um cavalo por receber alimento em abundância e ser muito bem-tratado, enquanto ele próprio não tinha nem palha suficiente e sofria grande males. Mas, quando chegou o tempo da guerra, um soldado armado montou no cavalo e o conduziu por toda parte, tendo-o até mesmo lançado no meio dos inimigos, onde o animal foi ferido e morreu. Ao ver isso, o burro mudou de opinião e sentiu pena do cavalo.

A fábula mostra que não se deve invejar os chefes e os ricos, já que são alvo de cobiça e de perigo, e sim amar a pobreza.

Na segunda coleta é importante colocar que foram retomadas as orientações acerca da rasura. É esta segunda que traz elementos importantes para a análise em questão. Referimo-nos a algo que é de competência da escola: ensinar procedimentos aos alunos, para que os mesmos possam, durante a prática de produção textual, fazer uso de procedimentos e estratégias disponíveis aos produtores competentes. Vejamos o segundo texto⁶, e a seguir, teceremos mais considerações.

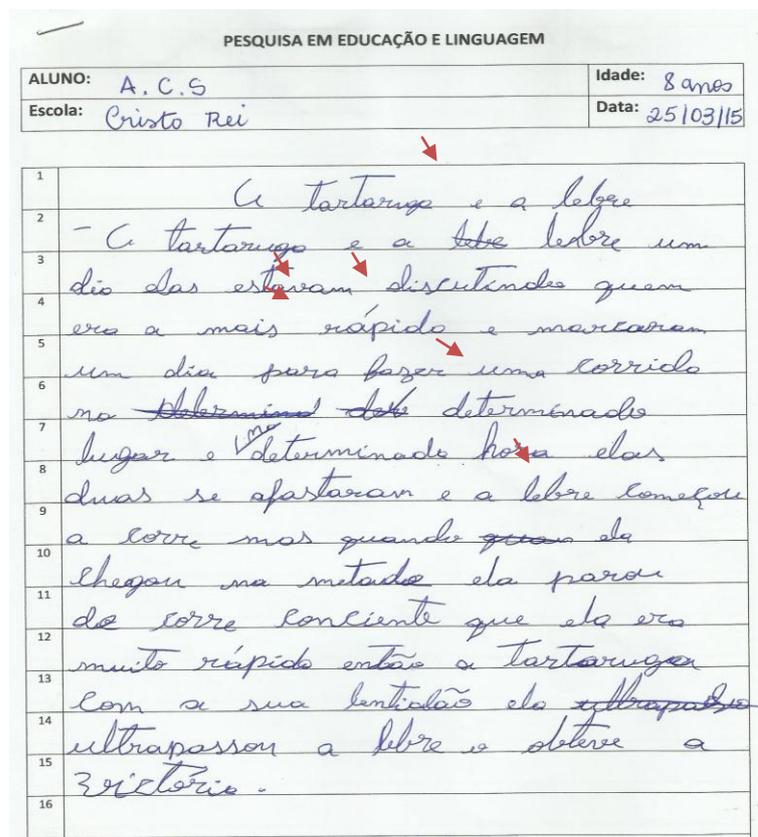


Fig. 2 – Fábula “A tartaruga e a lebre” de Esopo⁷.

O segundo texto revela que a criança ao se apropriar do procedimento do uso da rasura⁸ que fora ensinado, utiliza-o com mais frequência. Ao contrário do primeiro texto, onde percebemos a higienização do mesmo, procedimento recorrente utilizado

⁶ As fábulas na íntegra estão inseridas em nota de rodapé deste artigo.

⁷ ESOPO. Fábulas completas / Esopo: tradução direta do grego, introdução e notas por Neide Smolka – 2ª ed. – São Paulo: Moderna, 2004. – (Coleção travessias)

⁸ As rasuras utilizadas por A.C.S são: **Rasura “riscada”**: casos em que se anula o que se escreveu, de modo geralmente visível, permitindo ao leitor recuperar o texto rasurado. Esta forma também poderia aparecer como “rasura apagada”, quando o *scriptor* apaga com uma borracha, mas deixa os vestígios que permitem ler o que havia escrito, de classificação linear. (Calil, 2008)

pela escola, deixando de ensinar que um escritor competente ao produzir seu texto faz uso de procedimentos como rasura.

Diante do exposto, a escola ainda está longe de agregar as suas práticas de ensino, o rascunho como um meio para se produzir uma versão aceitável, que bem sabemos ser provisória, pois um escritor competente sente a necessidade de retomar os textos, de reescrevê-los, de não se dá por satisfeito com uma primeira versão. Por outro lado, deparamos-nos com situações propostas pela escola, nas quais o estudante escreve sem um interlocutor, fora de uma situação real de produção (mesmo que seja hipotética), sem uma didática adequada que leve o estudante a produzir e guardar várias versões de sua produção de textos. Deparamos-nos, enfim, com práticas de escrita que desconsideram saberes e exigem um tempo para ficarem prontas.

Faz-se necessário rever a formação dos professores, visando aprimorar atividades de produção textual que tenham em suas propostas situações comunicativas onde os alunos possam verificar o sentido da produção solicitada, como também necessita de professores que tenham uma didática que o leve de fato a procedimentos de escritura, que permitam aos estudantes terem seus rascunhos como referência para a construção de uma versão final. Segundo Calil (2008, p.34) [...] os rascunhos produzidos pelos alunos seriam uma espécie de “pré-textos” em que os erros, as rasuras, as hesitações poderiam aparecer, mas que precisariam ser revistos antes de serem “passados a limpos”.

Visando evitar que se refiram a rascunhos de forma pejorativa, é sugerido pelo autor que se faça a substituição do termo por “versões”, que seriam as etapas vivenciadas pelos estudantes até a versão final do texto.

É chegado o momento de rever o espaço destinado aos rascunhos na escola brasileira que tão pouco valoriza os manuscritos como uma etapa que revela a dinâmica do processo escritural. Faz-se necessário reconhecer e valorizar o percurso trilhado pelo aluno ao produzir textos, preservar as marcas deixadas pelo escritor e ressaltar que o processo de criação é uma via dolorosa, mas que o final revela o quanto valeu a pena as retomadas, os apagamentos, os deslocamentos em busca de textos coerentes e coesos.

Conclusões

Pelo que foi observado à criança, quando é ensinada, é capaz de por em prática e fazer uso do procedimento com propriedade, além de vivenciar que uma escrita exige daquele que a produz, retomadas, apagamentos, deslocamentos não sendo feita de primeira como se escrever fosse um dom. Os manuscritos nos possibilitam recuperar a gênese da obra literária nos seus percursos dolorosos. São os manuscritos de um escritor que posteriormente se materializam em manuscrito de trabalho Calil (2008) sendo que junto tal coletânea é composta de anotações, planos, rascunhos, roteiro, esboços, pequenos lembretes, diários íntimos, apontamentos documentais, fotos, cartas, provas tipográficas, etc.

A análise nos possibilita também repensar a formação dos professores visando aprimorar atividades de produção textual que tenham em suas propostas situações comunicativas onde os alunos possam verificar o sentido da produção solicitada, como também necessitam de professores que tenham uma didática que o leve de fato a procedimentos de escritura, que permitam aos estudantes terem seus rascunhos como referência para a construção de uma versão final. É possibilitar aos estudantes encontrar no rascunho um local confortável, onde é permitido que os erros apareçam sem que isto causasse constrangimento, possibilitando a revisão dos mesmos antes que sejam passados a limpo.

Vale salientar que analisar rasuras exige empenho, visto que é uma tarefa complexa demandando do pesquisador esforço na tentativa de recuperar a primeira escrita, porém os mais experientes nesta temática nos apontam possíveis caminhos na busca de interpretação da rasura, buscando identificar supressões, substituições, adições e possíveis deslocamentos⁹.

As contribuições acima descritas são de suma importância para os futuros pesquisadores da temática, e não só para estes, mas também para professores que se proponham ensinar aos seus alunos que escrever exige empenho e é a rasura um procedimento utilizável por todos os que se propõem aventuram-se pelo árduo caminho da escrita.

⁹ É possível aprofundar sobre as funções da rasura em Calil (2007, p. 20).

Encerramos estas breves conclusões, reafirmando que é necessário retirar a visão pejorativa sobre rascunhos na escola, sendo até mais conveniente substituir no espaço escolar o termo rascunho por “versões”, que seriam as etapas vivenciadas pelos estudantes até a versão final do texto. Sendo assim, é possível conduzir os alunos a utilização de procedimentos pertinentes a todo escritor competente sem que estes se sintam incompetentes ao fazerem rasuras em seus textos.

Referências

CALIL, Eduardo. ***Escutar o invisível: escritura e poesia na sala de aula***. São Paulo, UNESP; Rio de Janeiro, FUNARTE, 2008.

FABRE C. Des **variantes de brouillon au cours préparatoire**. ***Études de Linguistique Appliquée***, v. 62, p. 59-79, Avril-Juin. 1986.

GRÉSILLON, Almuth. ***Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos modernos***. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck, Leticia Cobalchini, Simone Nunes Reis, Vincent Leclercq; *supervisão da tradução de Patricia Chittoni Ramos Reuillard ; prefácio de Philippe Willemart*, Porto Alegre, Editora de UFRGS, 2007, 335p.*

WILLEMART, Philippe. ***Bastidores da Criação Literária***. São Paulo, Editora Iluminuras, 1999.